

## PRIMEIRO CADERNO

“Assim se cavalga pela noite adentro, por uma noite  
qualquer. Fica-se outra vez calado, mas tem-se  
consigo as palavras luminosas»

(*A Canção de Amor e de Morte do Porta-Estandarte*  
*Cristóvão Rilke*, de R.M. Rilke)

## ALARGA-SE O DELTA DESDE A NASCENTE

Scardanelli tinha um tempo que era só seu  
e por isso decidia  
ouvir pela manhã os gregos  
e à tarde o seu riso alemão.

Para tal compôs uma língua muito sua  
feita de lábios que Scardanelli misturava  
com os sons  
já que era por aí que lhe chegava o sentido.

Os olhos engrossavam  
mas os lábios não.  
Das cores apenas o vermelho se afastava  
e se unia ao verde em comunhão:  
com isso se faziam rios  
que era o espaço ocupado pela penumbra  
no rubro-verde entre margens.

Scardaneli não precisa de Sófocles  
para amar o que no tempo ressoa  
como estas palavras na língua.

«São lábios avessos  
aos beijos que irrompem  
das paredes

de uma casa fechada há muito,  
desde o tempo talvez  
que voltei da última caçada  
e as cabeças dos animais  
borboleteiam desmaiadas aí.

Num tempo em que abrir os olhos  
era outra vez dia  
e o medo era ainda  
um arquivo de palavras por abrir.  
Viver significou encontrar  
um chão coberto  
onde o corpo – talvez mais pele –  
se lambia de desejo.

Forrou-se o mundo ao contrário  
com o que a linguagem não quis:  
tornou-se – por isso –  
doloroso habitá-lo.

Eu, Scardanelli, vou fechar os olhos  
sob o peso do sal e de antígonas  
que teimam em ser pálpebras  
por mim adentro.  
Eu ia dizer “um dia”  
mas já não vivo esse tempo  
em que as águas levaram pra terra  
carne podre e pífios desejos.»

Scardanelli confunde-se com o poeta e os homens  
e por passagens a morte mudou de rua.

## OUTRO

Sabe bem ter mundo  
por uma tarde que se faz nela  
noite,  
mundo inquieto  
no outro parado  
para que a altiva ave debique.

Sabe bem o rio contrário  
sem o mar feito  
sorvedouro aflito,  
ter então meus pés sentindo  
doutro tempo  
a água do seu fim.

Sabe bem a carne inversa  
– embora pura ilusão –  
tornar-se tenra  
e de cor nem p’la morte tocada  
como se nascido então.

## VIAGENS DE REGRESSO

1.

Viajo com a dor ao lado  
e sempre que me ausento  
dou-lhe a mão  
na paisagem que se precipita  
no passado.

Pois que se viajar é também  
não ter lugar  
depois de perder o chão,  
melhor fosse ter nascido  
anjo breve de uma pintura,  
quieto num sopro parado  
que é quase nada.

Porém a luz torna vidas  
o eu enegrece  
na mácula que o tempo cria,  
e dou por mim  
a experimentar o coração falado  
e a morrer num canto da vida.

2.

A que cheira o futuro? Pensou,

– A restos de comida,

e mais:

a palavras exauridas

que descarnadas seguem

a ausência consentida

de quem está para ficar

em pó depois de um corpo

que quis ser outro.

Custa duro o osso,

diz a chama,

tragar de uma só vez

a língua vertebrada.

## ÍNDICE

7	PRIMEIRO CADERNO
9	Alarga-se o delta desde a nascente
11	Outro
12	Viagens de regresso
27	SEGUNDO CADERNO
29	Os nós e as mãos
30	Os primeiros em Auschwitz
32	Cole Porter em Melgaço
33	Sem título
34	Tarde de Verão
35	Outro tempo
41	Foi assim que Brueghel pintou
42	Baby
43	Cura e culpa
44	Cura
45	Ainda a natureza
47	Aniversário
48	Febre
49	Desejo
50	Na orla da praia
53	TERCEIRO CADERNO
54	Uma mancha
55	Um dia claro
56	O desejo da pele
57	Dobra
58	O que não me mata
59	Quis ser carne
60	Uma chuva em Atenas
61	Cegueira
62	<i>Agnus Dei</i>
63	Estremecimento

64	Uma pedra tumular
65	Epitáfio
67	QUARTO CADERNO
81	QUINTO CADERNO
83	Segredos
86	Procura-se
87	A noite
88	Distância
89	Por fim
90	Ressonâncias
92	Assim
93	SEXTO CADERNO
95	Excesso
96	Outro tempo
97	Argila em parte
98	Verão
99	A espera
101	Teoria das cores
103	Queimar
104	De visita
105	SÉTIMO CADERNO
107	O silêncio da rosa